

O final de 1997 encontra o Ipea em momento de intenso trabalho e grande motivação. Após o notável esforço de toda a equipe, foi possível promover o lançamento, em julho deste ano, do primeiro estudo sério e abrangente sobre as perspectivas de médio e longo prazos do desenvolvimento brasileiro.

O Brasil na virada do milênio, lançado no Ministério de Planejamento e Orçamento pelo Ministro Antonio Kandir, alcançou grande repercussão. Ecoou na mídia, suscitou debates em foros nacionais e internacionais, provocou a retomada do interesse por exercícios que objetivem prescrutar o nosso futuro para, daí, extrair elementos de reflexão úteis para a orientação do debate presente.

Fruto importante deste trabalho foi a integração. O trabalho de pesquisa, se desprovido de objetivo geral a alcançar, é presa fácil do isolacionismo. Para transformá-lo em uma tarefa coletiva, é necessário promover o diálogo e estabelecer um processo permanente de discussão interna e de cooperação.

Isso vem sendo conseguido. O seminário de comemoração dos 33 anos do Ipea também foi concebido com essa orientação. Durante dois dias de intenso trabalho, todos estiveram envolvidos nesse esforço de intercâmbio de idéias, de informações, de metodologias e de experiências, do qual depende a construção de um trabalho cada vez mais sintonizado com as necessidades de o Ipea contribuir para a concepção de uma visão de futuro e para a formulação de estratégias compatíveis com a sua materialização.

Creio que demos um passo importante nessa direção. O Ipea está mais próximo de reencontrar-se com o seu futuro. O apoio do Governo para a recomposição dos recursos materiais e humanos do instituto teve um papel importante para os resultados já obtidos. Além disso, a dedicação de todos tem sido o combustível indispensável para a sustentação do ritmo com que o trabalho vem sendo conduzido.

Nestes doze meses que se encerram, mais de cem pesquisas foram concluídas e outras tantas encontram-se em andamento. Treze seminários internacionais e 74 de âmbito nacional – organizados por iniciativa própria ou em parceria com outras instituições – marcaram a nossa disposição em levar ao debate público os resultados do trabalho que vem sendo realizado internamente.

Mais um fato auspicioso reforça nossas expectativas de que 1998 será um ano ainda mais exigente no que diz respeito à dedicação de todos ao trabalho. A assinatura do contrato com o BID para a implementação do projeto Rede Ipea de pesquisas amplia a responsabilidade coletiva. Esse projeto cria condições para consolidarmos parcerias e melhorar a base estatística, condições estas indispensáveis para o aprofundamento do estudo dos problemas do desenvolvimento brasileiro e das providências necessárias para superá-los. Com ele, o trabalho a ser realizado em 1998 ganhará em amplitude, em profundidade e em contribuições para atualização, durante o ano, do estudo prospectivo sobre o futuro do País.

FERNANDO REZENDE

QUAL A SITUAÇÃO DO BRASIL NO AGRIBUSINESS?

A potencialidade da produção nacional de grãos depende da incorporação de novas tecnologias e de sistemas mais modernos de produção. Nesse sentido, como está o Brasil frente a outros países, principalmente a Argentina, forte concorrente no Mercosul e que é também bastante competitiva nessa área?

A resposta está na coletânea *Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness*, que faz parte de um projeto mais amplo do Ipea sobre agricultura e competitividade.

Os grãos

Para começar, o estudo trata da competitividade do arroz, feijão, milho, soja, trigo e algodão, grãos que representam cerca de 58% do valor bruto das lavouras temporárias e ocupam grande proporção da área cultivada com lavouras no País. Nestes primeiros resultados se encontra, ainda, uma análise de complexos que compõem aproximadamente 17% da balança comercial brasileira: soja, frutas e suco de laranja.

O mercado

A tendência do mercado mundial é de acirramento da concorrência nos próximos anos. Para tanto, contribuem as políticas protecionistas e de incentivos às exportações dos Estados Unidos e da União Européia, a entrada de novos países e o aumento da participação dos produtos substitutos, como óleo de palma e canola, no caso da soja. Estes fatores, mais a desregulamentação em algumas cadeias, como a do café, mudaram totalmente o quadro vigente na década passada, criando mais um desafio para estes novos tempos.

(Página 4)

NÚMEROS PREOCUPANTES

Para cumprir com rigor a lei que trata da assistência aos portadores de HIV, o Sistema Único de Saúde (SUS) precisaria de recursos da ordem de US\$2,3 bilhões, no mínimo. O número de casos tende a aumentar e a situação exige atenção crescente de quem toma as decisões, tanto na área médica quanto na área econômica.

(Página 2)

GASTOS SOCIAIS BEM DIRECIONADOS COMPENSAM ESCASSEZ DE RECURSOS

Diante das necessidades crescentes, os recursos disponíveis para os programas sociais são limitados. Portanto, é imprescindível racionalizar o seu uso, aumentando a eficiência e assegurando a eficácia das ações, tanto no setor público quanto no não-governamental, tanto com recursos internos quanto com os procedentes de cooperação internacional.

Isto quer dizer que são necessários conhecimentos específicos para formular, monitorar e avaliar projetos sociais, tarefas que exigem pessoal especializado bem treinado.

Por isso mesmo, o Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico e Social (Cendec) do Ipea programou cursos desse gênero.

O primeiro foi realizado agora, nas duas primeiras semanas de dezembro, em tempo integral e com direito a um curso rápido de matemática financeira uma semana antes, só para nivelar a turma: 31 técnicos com responsabilidade de gestão de políticas, programas e projetos governamentais na área social. Eles tiveram aulas sobre política social no Brasil e na América Latina, exposições sobre metodologias da Cepal – origem da maioria dos professores do curso – e fizeram laboratório para aplicar e discutir os conceitos.

Outros cursos de Formulação, monitoramento e avaliação de projetos sociais estão sendo projetados para o próximo ano.

Maiores informações podem ser obtidas no próprio Cendec ou pelo telefone: (061) 349-4133.

Visor IPEA é uma publicação mensal do

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

SBS - Qd. 1/ Bl. J - Ed. BNDES/ 11º and. - 70076-900 - Brasília/DF
Tel.: (061) 315-5276 Fax: (061) 223-5282
Av. Pres. Antonio Carlos, 51/16º and. - 20020-010 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (021) 220-7679 Fax: (021) 240-0576
Internet <http://www.ipea.gov.br> - E-mail: visor@ipea.gov.br

EDITORA Shirley Soares (Reg.Prof. nº 12.466 MTb-RJ)
PROJETO GRÁFICO Paulo Weissenberg

Foram utilizados dados disponíveis até 16/12/97.

Permitida a transcrição total ou parcial de matéria publicada, desde que citada a fonte Visor IPEA

Cuidados com a Aids envolvem avaliação econômica

O número de casos de Aids tende a crescer, com ampliação irrestrita dos grupos infectados. Enquanto isso, descobrimentos científicos se sucedem rapidamente e os custos do tratamento se tornam cada vez mais elevados.

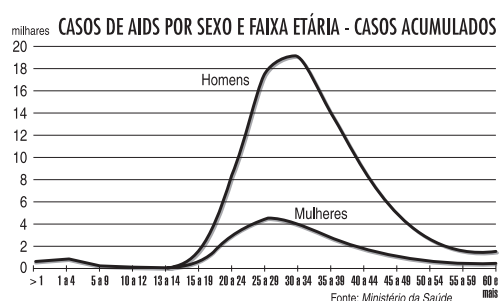
Tudo indica que a Aids está se transformando em uma epidemia, com a qual os sistemas de saúde terão que conviver, pelo menos no curto e médio prazos.

Tomadores de decisão

O quadro que se apresenta está a exigir crescente atenção dos tomadores de decisão, tanto da área da saúde quanto da econômica. O objetivo do texto para discussão de André Nunes – *O impacto econômico da Aids/HIV no Brasil* – é justamente alertar para o problema: analisa os principais aspectos e tendências da epidemia nos últimos dez anos, no Brasil, e estima os custos da doença para o Sistema Único de Saúde (SUS).

Cuidados integrados

O estudo destaca o crescimento do número de soropositivos em populações heterossexuais – notadamente entre as mulheres e os usuários de drogas injetáveis –, agora o foco principal para as campanhas. “Afinal, os esforços devem



se concentrar não em gastar menos, mas, sim, em reduzir o número de casos, implementar intensas e eficazes estratégias de prevenção e, também, de controle da infecção, além de promover cuidados integrados

de saúde ao paciente”, diz o autor.

Para cumprir a lei

Considerando em 60 mil o número de pacientes sintomáticos da Aids, em 1997, o custo vai a US\$ 618,96 milhões em assistência médico-hospitalar e a US\$ 344,40 milhões em medicamentos, totalizando US\$ 963,36 milhões, ou seja, cerca de US\$ 16 mil por paciente/ano.

Entretanto, para cumprir com rigor a lei e prestar assistência médica, assim como fornecer toda medicação a todos os portadores do HIV – entre 340 mil e 500 mil pessoas, incluídos os pacientes soropositivos que não desenvolveram sintomas da doença – estima-se que o custo total para o SUS, na hipótese mais otimista, atinja cerca de US\$ 2,30 bilhões. Números preocupantes, principalmente diante das possibilidades financeiras do SUS e da coexistência de tantos outros problemas de saúde pública, igualmente importantes.

COMUNIDADE SOLIDÁRIA



Alternativas de ocupação e renda propostas na quinta rodada de interlocução política do Conselho da Comunidade Solidária acabam de ser publicadas em *Cadernos Comunidade Solidária*, sempre com o apoio do Ipea.

As propostas partem do princípio de que a parcela da população brasileira a ser beneficiada não pode esperar pelas grandes mudanças estruturais. São, portanto, bastante práticas. Incluem iniciativas como a do crédito popular para financiar bens de produção. Isto,

Crédito popular pode financiar bens de produção

apenas para quem tem muito pouca ou nenhuma renda e a partir de carteiras voltadas exclusivamente para aplicações de natureza social.

O documento final de consenso em torno destas propostas integra uma edição especial de *Cadernos Comunidade Solidária* – coletânea que trata dos cinco primeiros temas abordados pelo Programa: reforma agrária, programa de reforço da renda mínima familiar e educação fundamental, segurança alimentar e nutricional no Brasil, crianças e adolescentes e estas alternativas de ocupação e renda.

Modernização produtiva muda relações de trabalho

“Quem perdeu o emprego, dificilmente volta a ocupar a mesma posição, em empresa do mesmo ramo, diz Walter Barelli, secretário de Emprego do Estado de São Paulo, no prefácio de *Modernização produtiva & Relações de trabalho – Perspectivas de políticas públicas* – lançamento Ipea/ Editora Vozes.

Fora de foco

A discussão sobre a reforma da legislação trabalhista e as novas bases das relações de trabalho está fora de foco: centrada nos setores mais modernos da economia, ignora a importância da participação do poder público. Isto se torna evidente na coletânea organizada por Edgard

Alves, assim como a conclusão de que a educação é fundamental para obter – e, mesmo, manter – o posto de trabalho, determinar a qualidade do emprego e a remuneração do trabalhador.

Caso norte-americano

Quanto à construção de relações de trabalho mais saudáveis no Brasil, uma pergunta: Será que a experiência norte-americana pode indicar o caminho? É que os Estados Unidos intensificaram a formação de parcerias para enfrentar os efeitos dos ajustes macroeconômicos e as demissões geradas pela crise e pela modernização produtiva e gerencial. O livro relata esta experiência.

ECONOMIAS PÓS-SOVIÉTICAS ABREM OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

Análise de mercado dos 15 países que surgiram do colapso da União Soviética em 1991 indica abertura de oportunidades comerciais para países que, como o Brasil, têm economia e pauta de exportação diversificadas. A afirmação é de Isaias Coelho, em artigo sobre desenvolvimento de mecanismos de mercado nas economias pós-soviéticas na revista *Planejamento e políticas públicas*.



Tempos difíceis

O PIB russo teve queda de 50% entre 1990 e 1995. Embora, no final do período, a taxa tenha passado de dois dígitos para 4%, a contração de produção encontra poucos paralelos em outros países. Mais: o índice de preços ao consumidor aumentou 3.520 vezes, de 1991 a 1995. Sem mecanismo de defesa contra a inflação e pressionados pelas condições adversas de mercado, os salários reais diminuíram e a concentração da renda se aprofundou.

Sinais de recuperação

No entanto, há claros sinais de recuperação, principalmente onde o processo de privatização e a liberalização comercial foi mais acelerado. Já são registradas taxas positivas de crescimento do produto real em algumas repúblicas e a inflação está sob controle em quase todas elas.

À medida que o quadro legal se completa e o mercado cambial adquire certa estabilidade, é de se esperar uma expansão significativa no investimento estrangeiro e – mais importante – na importação e exportação de bens ao exterior. Os grandes investimentos na área da exploração petrolífera para a exportação deverão maturar nos próximos anos, aumentando a disponibilidade de divisas estrangeiras. Ou seja, um importante ponto de estrangulamento do processo de modernização do parque industrial vai sendo, aos poucos, removido, abrindo o caminho para novos tempos.

Técnicos estudam aumento recorde da produtividade

De 1990 a 1996, o aumento da produtividade chegou a 8% ao ano, elevando para 4% a média dos últimos 25 anos. Mas, no passado recente, algumas economias, especialmente as asiáticas, sustentaram por longos períodos taxas anuais superiores a 7%. Portanto, não estamos fora dos padrões mundiais, nem longe dos 11% alcançados pela Argentina entre 1990 e 1993. A opinião é de Claudio Salm, João Sabóia e Paulo Gonzaga, em artigo da revista *Planejamento e pesquisa econômica*.

Mesmo sem recuperar emprego

Para os autores, diferenças entre este quadro e o da recessão do início dos anos 80, só ocorreram a partir de 1993, quando a indústria brasileira voltou a crescer, sem que houvesse recuperação do emprego.

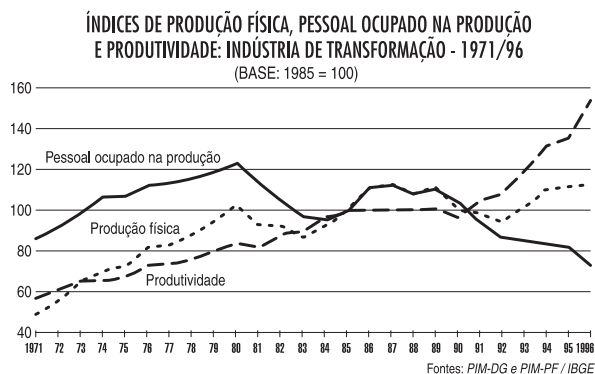
Na década de 70, a produtividade foi sustentada mais pelo aumento da produção do que

do emprego. Nos cinco anos seguintes, o emprego teve queda mais forte do que a produção, e a produtividade alcançou a média de 6,5% ao ano entre 1981 e 1984. Passado um período de estagnação, a situação se repetiu entre 1990 e 1992. Seguiu-se o comportamento inédito registrado em 1993. Em 1995, o ritmo de crescimento da produção diminuiu e a produtividade se manteve positiva, embora com taxa mais modesta (3,4%), e disparou em 1996: 13,4%, com apenas 0,8% de aumento na produção e queda de 11,1% no emprego.

Ainda há fôlego

Quem investiu mais na reestruturação, cresceu mais. Portanto, o fenômeno não é tão

excepcional assim, e ainda há bastante fôlego para a expansão até o final da década. Mas há que colocar em prática políticas compensatórias no mercado de trabalho.



Nem só custos e preços afetam a competitividade dos produtos agrícolas brasileiros

Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness, coletânea que o Ipea está divulgando, dá conta das divergências de resultados da competitividade de grãos medida a partir dos custos de produção. Mostra ser melhor ter como parâmetro os preços de paridade – preços FOB dos produtos nas principais bolsas de *commodities*, mais os custos para sua colocação nos centros consumidores. Conclui, ainda, que,

além dos custos e preços, outros fatores afetam a competitividade, tais como políticas de subsídios nos países de origem e condições de importação mais vantajosas em prazos e juros.

Palavra dos autores Carlos M. Villa Verde, Frederico Tomich, José Garcia Gasques, João Alberto de Negri, Luís Carlos Magalhães e Ricardo P. Soares, que já estão trabalhando outra etapa do projeto.

Brasil e Argentina

Apenas em algumas regiões do Sul e de São Paulo, o trigo tem produtividade semelhante à da Argentina, com rendimentos físicos superiores a 2.000 kg/ha. No entanto, a tecnologia recomendada pela Embrapa até dobra esse rendimento, dando ganhos a todas as regiões produtoras. Salto maior ainda pode ser alcançado com o avanço da tecnologia nos próximos anos. Há chances de mais competitividade, com custos marginais decrescentes (aumentos de rendimentos superiores aos dos custos).

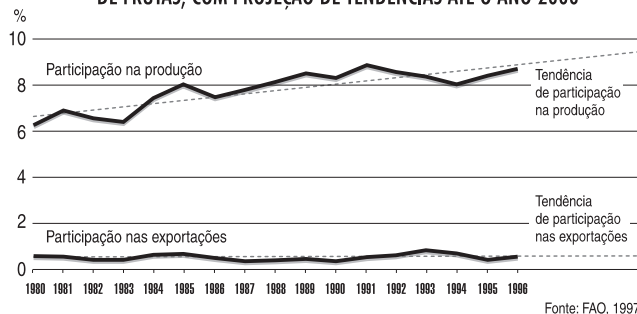
O mesmo acontece com o arroz irrigado, cuja produtividade pode superar em 33% à do produto argentino.

Para o milho, as perspectivas também são otimistas: a segunda fase da melhoria do padrão tecnológico tornará todas as regiões produtoras competitivas.

Mercado internacional

É boa a situação da cadeia da soja, embora enfrente fatores restritivos no mercado internacional. Em termos de valores mundiais, em 1994/95, a soja e seus derivados movimentaram cerca de US\$ 17 bilhões, dos quais 57% ficaram por conta do farelo e do óleo bruto.

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO MUNDIAIS DE FRUTAS, COM PROJEÇÃO DE TENDÊNCIAS ATÉ O ANO 2000



No entanto, isto representa apenas metade do valor dos negócios mundiais do café e 10% do agronegócio das frutas.

As nossas frutas

O aumento da produção nacional de frutas está voltado para o mercado interno. A única exceção é a da laranja, basicamente destinada à produção de suco para exportação.

Mantidas as taxas de crescimento, poderá haver, até, superávit de oferta, abrindo oportunidades de exportação para um mercado mundial em expansão. Mas só depois de 2005. Até lá, o consumo interno, também crescente, se encarregará de toda a produção.

Enquanto isso, o setor terá que elevar os níveis de investimentos na estrutura produtiva e de comercialização. São exigências de um mercado sofisticado para o qual tem que estar preparado para entrar com competitividade.

Perda de espaço

Nos Estados Unidos, o suco de laranja, além de perder mercado ganhou um concorrente forte, o que causou grande impacto na citricultura nacional. Era grande a especialização do setor – suco de laranja concentrado e congelado –, que, antes, não se preocupava em trabalhar o mercado interno nem as exportações de frutas *in natura*, das quais os Estados Unidos já detêm fatia próxima dos 10%. Bem acima da participação do Brasil (1%), responsável por 32% da produção mundial.

Consumo concentrado

Entre os complexos analisados pelo estudo do Ipea, o lácteo é o mais voltado para o mercado interno. Trata-se de produtos de elevada

elasticidade-renda (0,409), com demanda fortemente influenciada pelo aumento da participação da classe de renda média na população total.

Por enquanto, cerca de 75% do consumo de laticínios das regiões metropolitanas estão concentrados no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Entretanto, a expectativa é de que esse quadro mude com a desconcentração da renda e a oferta aumente de 4% a 5% ao ano, a partir de 1997.

VIRADA DO MILÊNIO

ACOMPANHANDO DE PERTO AS PERSPECTIVAS DO AGRIBUSINESS

Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness faz parte de um projeto mais amplo sobre o setor, que o Ipea já vem realizando há algum tempo.

O objetivo é acompanhar o seu comportamento e analisar perspectivas, no curto, médio e longo prazos.

Assim é que os resultados anunciados atualizam outros trabalhos. Como os que serviram de base para produzir o capítulo que trata do assunto em *O Brasil na virada do milênio – Trajetória do crescimento e desafios do desenvolvimento*, cujas conclusões os novos estudos ratificam. Por exemplo, a propósito do segmento industrial da cadeia da soja, cujo maior problema é a alta capacidade ociosa, que pode anular os ganhos de economia de escala:

– Espera-se, com o acirramento da concorrência e as mudanças da carga tributária, que o processo de reestruturação produtiva do setor industrial da cadeia se acelere. O prognóstico é o fechamento de plantas de baixa capacidade de processamento e/ou localizadas em regiões de menor produtividade.